

Escavidão em Campos dos Goytacazes: Taxonomia de Escravos e Teorias Racialistas

Thaís do Carmo Periard^{1*};

¹ *Licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense*

**thaisperiard@gmail.com*

Resumo

Esta pesquisa tem como ponto central buscar entender como era feita a taxonomia de escravos em períodos finais da escravidão no Brasil, partindo de uma análise que privilegia o contexto regional. O entendimento inicial desta questão se baseia a partir de um debate teórico com alguns dos principais autores que investigam a classificação de pessoas feitas no período do Antigo Regime indo de encontro com os padrões estabelecidos no século XIX. Além disso, também buscou-se entender como ocorreu a transformação desse padrão classificatório após o advento das teorias racialistas, que contribuíram para que as elites políticas fomentassem ainda mais a hierarquização social. Utilizando como fonte as escrituras de compra e venda de escravos registradas em Campos dos Goytacazes, foram obtidos dados que exemplificam como os cativos eram registrados nesta região. O caminho percorrido passa através da análise dos dados obtidos, buscando ressaltar como a “qualidade” deixou de ser o fator principal para classificação dando lugar a “raça” como maneira preponderante para efetuar essas sistemáticas na região.

Palavras-Chave: Escravidão, Racialismo. Classificação.

Introdução

A maior parte da História do Brasil após a colonização portuguesa está diretamente vinculada à escravidão. Esta foi uma das formas de mão-de-obra mais comuns do mundo. Por ter sido aplicada desde a Antiguidade, a escravidão foi muito difundida entre as mais diversas sociedades. Entretanto, apesar de muito antiga, a escravidão quando foi trazida para as colônias nas Américas assumiu moldes diferentes. No Novo Mundo, os escravos não eram mais somente as pessoas capturadas em guerras, mas sim, africanos que eram obrigados a atravessar o Atlântico para vir para as colônias ter sua força de trabalho explorada ao máximo.

A historiografia sobre este tema é rica de autores que se dedicam a estudar quais são os pontos cruciais para que a escravidão se legitimasse no Novo Mundo. Eles se propõem a analisar como era feita a classificação/categorização das pessoas de acordo com a cor de sua pele, condição legal e status social, demonstrando como essa forma de classificar contribuiu para justificar a escravidão. Além disso, a categorização que anteriormente, no Antigo Regime, era feita baseada nas qualidades, posteriormente, em finais do século XIX, passa a levar em consideração a raça. Tal mudança permitiu que o racismo pudesse se enraizar na sociedade e, conseqüentemente, se concretizando através de teorias evolucionistas e raciais difundidas no período analisado.

Sendo assim foi feito um debate teórico com alguns dos principais historiadores brasileiros que investigam sobre a classificação auferida à população, como, Hebe Mattos (2009), Sheila de Castro Faria (2004), Sílvia Lara (2008), Eduardo França Paiva (2015), Ronald Raminelli (2015). Estes autores focam seus estudos na história da classificação de escravos tanto no Brasil colonial, como também no império. Dessa forma, é analisado como essa taxonomia originou o processo de racismo que desenvolveu uma hierarquização social e, posteriormente, o advento de um racismo estrutural, como é possível ver com a autora Lília Schwarcz (1993).

É importante entender o contexto em que essas transformações estavam acontecendo, assim, são investigados através da obra de Alberto Lamego (1945) alguns fatos cruciais que ocorreram em Campos dos Goytacazes no mesmo período do foco da pesquisa. A partir disso, serão apresentados os dados obtidos com essa pesquisa, demonstrando como se configurou essa dinâmica de classificação de pessoas e como as teorias raciais podem ter influenciado possíveis transformações ocorridas.

O presente trabalho se propõe a analisar 24 livros de escrituras de compra e venda de escravos que foram registradas no Cartório do 2º Ofício de Campos dos Goytacazes entre 1861 e 1887. Por meio delas serão investigados como os escravos eram classificados de acordo com a sua raça, nação de origem, faixa etária, função exercida, entre outros. Sabendo que a forma de classificar escravos se alternava de acordo com a região e período, este estudo busca compreender como essa categorização ocorria em âmbito regional em um período que se aproxima da abolição.

Metodologia ou Materiais e Métodos

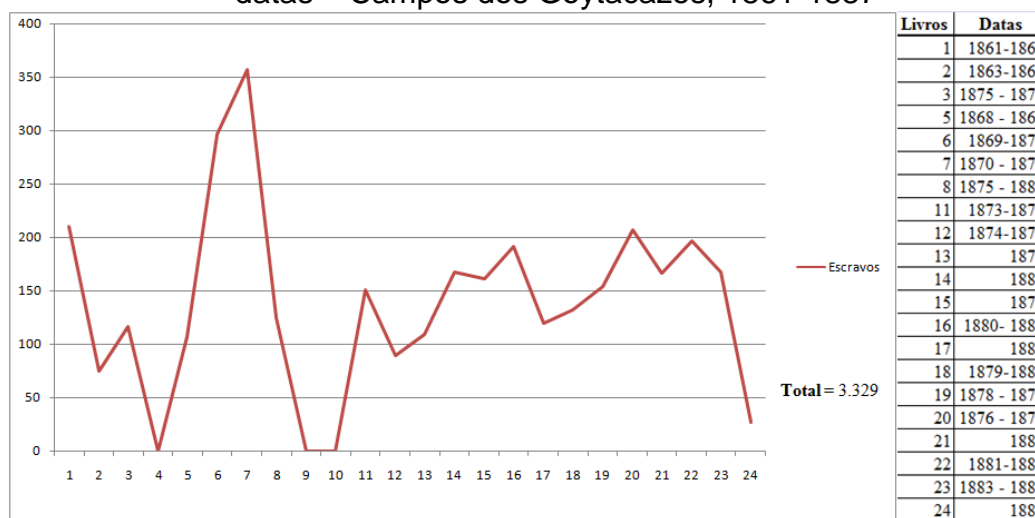
Esta pesquisa faz uso de fontes primárias e da literatura historiográfica para compreensão dos resultados obtidos, visto que a contextualização histórica auxilia no entendimento das fontes. É importante ressaltar que essas utilizadas constam com a descrição das características dos cativos como, por exemplo, cor da pele, função exercida, origem e idade, entre outros. E, para a realização desta pesquisa, foram analisados estes fatores, além, da data do registro, visto que esta contribui para uma mudança de padrão de comportamento à medida que se aproxima de período da abolição. Todavia, deve ser entendido que as escrituras não seguiam um padrão pré-estabelecido, podendo se alterar de acordo com a região e a época que fosse feita.

Após a catalogação dos principais dados em planilhas do Excel, foram feitos gráficos e tabelas que expressassem os resultados obtidos. Em decorrência desses resultados, foi possível obter médias que expressam como se configurava os padrões de classificação de escravos nesta região, em um determinado período. Foram analisados os períodos com maior intensificação desses registros, a diferença entre gêneros na realização de diferentes trabalhos, a média de idade, etc. Tudo isso aliado com a contextualização histórica, tanto do país como um todo, como também uma contextualização regional, possibilitando na compreensão da repetição de certos padrões.

Resultados e discussão

Abaixo é possível ver um dos gráficos que foi obtido a partir dos resultados. Ele demonstra a média de registros encontrados em cada livro de escritura de acordo com o período analisado. Cada um dos livros corresponde a um determinado período. Dessa maneira, compreende-se que os a intensificação dos registros ocorre juntamente com o surgimento de leis que contribuíam para a abolição. Além disso, analisando dados econômicos da região na época, percebe-se que havia um crescimento ascendente de engenhos e plantações de cana, o que pode ter sido um fator crucial para o aumento do registro de mão de obra escrava.

Gráfico 1. Distribuição dos livros de registros de escravos e suas respectivas datas – Campos dos Goytacazes, 1861-1887



Além deste gráfico foram obtidos outros gráficos e tabelas que demonstram mais detalhadamente como essa classificação foi feita em Campos dos Goytacazes. E, assim, como no restante do país e como se tornou comum na época, essa classificação levava em consideração o fator “raça” como principal característica. Isso contribuía, de tal forma para que as demais características também fossem influenciadas.

Conclusão

Diante do que é demonstrado até aqui, compreende-se que a análise de como eram feitas as classificações de escravos se torna ainda mais delicada quando aplicadas em períodos onde as teorias raciais se fazem valer. Sendo assim, uma série de fatores devem ser levados em consideração. O que ocorreu em Campos nos período finais da escravidão se difere em muito do restante do país, pois, em uma época onde eram criadas leis que contribuíam para a abolição, aqui temos uma escravidão que se torna mais intensa devido aos altos números de registros de escravos encontrados.

É fundamental compreender que a forma como se classificava os escravos variava de acordo com cada região, até mesmo de um escravidão para outro encontram-se diferenças. Porém, nas últimas décadas dos oitocentos é imprescindível que se considere o racismo quando são feitas essas análises, pois

a raça se tornara fator preponderante neste período. Isso pode ter influenciado para formação do racismo estrutural deste país que almeja a exclusão dos indivíduos da sociedade.

Dispondo de dados que ainda não haviam sido analisados, este estudo contribui para um enriquecimento da historiografia regional. Assim com esse olhar para o passado, buscando evitar anacronismo, este artigo é mais um pequeno passo para entender a história da escravidão neste país.

Referências (Obs.: Subtítulo com fonte Arial, tamanho 12, negrito, justificado)

- FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás pretas, damas mercadoras*: As pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700 - 1850). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p. 61 –78.
- LAMEGO, Alberto. *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1945, p.204.
- LARA, Silvia. *A cor da maior parte da gente: negros e mulatos na América portuguesa setecentista*. In: Sons, formas, cores e movimentos na modernidade Atlântica, Europa, Américas e África. São Paulo: Annablume, 2008, p. 361 – 374.
- MATTOS, Hebe. *A cor inexistente*. In: Das cores do silêncio. Unicamp, 2009, p. 101 – 111.
- PAIVA, Eduardo França. *As “grandes” categorias de distribuição e os grupos sociais no mundo ibero-americano*. In: Dar nome ao novo: Uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 123–221.
- RAMINELLI, Ronald. Cores, raças e qualidades. In: Nobrezas do Novo Mundo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p.207–239.
- SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. Companhia das Letras, São Paulo, 1993, p.296.